

## *O vazio do domingo* à luz dos conceitos de clivagem e depressão nos casos-limite (André Green)<sup>1</sup>.

Anelise Scheuer Rabuske<sup>2</sup>

*Eles disseram: “É preciso que eu viva”.  
Eu disse: “Mas não tenho vontade de viver”.  
“Eles me retiraram do pântano,  
Eles me deram a vida.  
Mas eu tenho vontade de morrer”.  
“Atualmente, todo mundo vive”.  
Eu disse: “O que há de errado com morrer?”  
Eles disseram: “Tudo”.  
Eles disseram: “É o nada, o escuro, é isso que é mau”.  
Eu disse: “Não é verdade.  
Tenho vontade de morrer. Já fiz tudo que tinha para fazer.  
Aqui, sou um estorvo.  
Lá, morto, terei partido.  
O que eu queria ter feito, eu o fiz”.  
Eu disse: “Tenho vontade de ver Deus”.  
Eles disseram: “O que é Deus?”*

(poema de Charles, um menino de 9 anos, avaliado por Winnicott em “A consulta terapêutica e a criança”).

A experiência clínica no cotidiano atual nos convoca a escutar o não dito: o vazio. O vazio dos afetos, das palavras, das imagens. A dor humana atravessa o *setting* e nos encontra de cheio na relação transferencial, como encontrou Winnicott no fragmento da introdução. Acessar e conhecer nossos próprios vazios, nossas vivências de desligamento e a possibilidade de - alguma forma - ligar-se, coloca-se como condição *sine qua non* para o fazer psicanalítico.

Os encontros clínicos têm uma infinidade cada vez maior de *casos-limite*, conforme André Green e convocam a capacidade reflexiva do analista. Neste trabalho tomo como base de inspiração a obra cinematográfica *O vazio do domingo* (*La enfermedad del domingo*, 2017). Que me perdoem aos que não agradam os *spoilers*, mas há aqui uma razão maior para fazê-lo.

*O vazio do domingo* é uma narrativa espanhola. Sensível, bonito, dramático e repleto de simbolismos, nos oportuniza múltiplas reflexões. A cena inicial já dá o tom da trama: duas árvores frondosas, porém desfolhadas por um castigante inverno, um cenário que lembra solidão e desolação. Um “tempo” repleto de frio.

Chiara é a protagonista, uma mulher de 40 e poucos anos, que foi abandonada

---

<sup>1</sup> Ensaio apresentado na Jornada de Estudos do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, em setembro de 2018. Agradecimentos à leitura atenta e sugestões da psicanalista Maria Beatriz Ramos.

<sup>2</sup> Psicanalista do CPRS. Mestre em Educação pela UFRGS.

pela mãe aos 8 anos. Passados mais de 30 anos, a personagem procura sua mãe – Annabel, que se tornou uma mulher riquíssima, após casar-se com um milionário. Até aquele momento, ninguém sabia da existência de Chiara, segundo revelação da mãe. Chiara verbaliza: “é estranho, quase não existir”.

Annabel, a mãe, é uma mulher ativa e glamorosa, que tropeça em seu salto altíssimo, evidenciando uma desconexão com o lugar que ocupa.

A protagonista infiltra-se em uma equipe de garçons, contratados para servirem em um jantar de gala, oferecido pelo marido de Annabel. Ao final do evento, Chiara marca um encontro com a mãe em um hotel e neste faz a sua proposta. A única coisa que ela quer é que a mãe passe 10 dias com ela. A personagem não deseja dinheiro ou ser reconhecida como filha. Simplesmente quer a companhia da genitora pelo tempo determinado.

Nos encontros iniciais e durante os dias de convivência, os ataques da filha contra a mãe são evidenciados na trama. Ela desdenha a vida luxuosa da mãe, as escolhas que fez, a família que construiu, as roupas que usa. Ao mesmo tempo, quer saber sobre a mãe, o que viveu depois de tê-la abandonado.

Ao falar de si, Chiara se desqualifica: fala de seu fracasso escolar, não se formou em nada; quando criança, perdia brinquedos, subia em árvores e lá ficava por longos períodos, isolada; teve relacionamentos medianos; gostaria de ter orgulho de sua vida, mas não tem. Relata uso de heroína durante um tempo e de sua quase destruição na época.

Em determinada cena, a protagonista está sozinha na beira de um lago. Há ali um patinho agonizante. Ela pega esse patinho no colo, acaricia-o, parece cuidar dele, porém, logo coloca-o de volta ao chão e usando uma pedra, mata o patinho acabando com seu sofrimento. Em diversos momentos da trama, Chiara simula ou mesmo cria situações de apuros, de fragilidade e convoca a mãe a fazer algo. Parece querer ver como a mãe vai se comportar: se vai acudi-la ou se vai abandoná-la. A mãe sempre acode, mas quando a filha percebe que uma aproximação maior entre ambas acontece, reage afastando-se da mãe. Também cria situações de brincadeiras infantis, como num carrossel na cidade ou num banho de mangueira, convocando à revivescência de situações infantis, que ficaram como vazios em seu mundo interno. Chiara recria a ausência bem como a angústia da aproximação, inundada pela separação do objeto perdido.

É possível perceber que, apesar de ter convocado a mãe a passar esses 10 dias com ela, em determinados momentos trata a mãe como uma intrusa, que invade sua vida e da qual deseja urgentemente afastar-se. A presença incita ódio e intrusão. O medo de ser penetrada, de ser invadida em sua solidão.

À medida que a trama transcorre compreende-se que a protagonista vive uma doença terminal que brevemente a levará a morte. A mãe começa a compreender isso. Podem ambas conversar a respeito do abandono e a mãe aproxima-se cada vez mais da filha. Em determinado momento a filha faz um pedido secreto à mãe, que só é revelado ao espectador na última cena da trama. O que a filha deseja é que a mãe a leve até o lago, entre nele carregando-a no colo e acabe com as dores do corpo e do afeto. Uma alusão ao encontro com o patinho, a morte antecipada e agida. A protagonista agoniza no trauma narcísico primário resultante do desinvestimento massivo da mãe revelado na destrutividade pulsional.

Green, ao falar dos casos-limite em sua obra *A loucura privada – Psicanálise de casos-limite* (2017), diz que a nossa figura mítica hoje é antes Hamlet do que Édipo. Para ele, Hamlet é a tragédia da dúvida (alusão à paranoia), do desespero solitário de um homem diante da violência do mundo, sua confusão em meio a um ambiente de loucura real e loucura imaginária, com emoções que partem do sofrimento opressivo até a raiva fervorosa.

O que é o limite de alguém? O envelope da pele vem imediatamente ao espírito. Por mais evidente que isso possa parecer, não devemos esquecer que nosso continente-pele é descontínuo. O tecido cutâneo é interrompido por outros tecidos: ele é esburacado. Esses buracos desempenham o papel de portas, ou melhor, de postos de alfandega: são os olhos, as orelhas, o nariz, a boca, o ânus, os órgãos genitais. Essas zonas erógenas funcionam nos dois sentidos: para dentro e para fora. Então, temos aqui dois problemas: o primeiro refere-se à consistência e estrutura do limite, o segundo à circulação no interior e no exterior dessas portas. Mas ao que poderiam se assemelhar as fronteiras da psique? Qual é a relação entre a psique (seus limites) e as portas do corpo? Conhecemos ao menos dois tipos de leis, dois princípios de funcionamento simultâneos: o princípio de prazer-desprazer e o princípio da realidade. Esse último deve atestar a existência ou a não existência do objeto e, conseqüentemente, fixa os limites do sujeito (GREEN, 2017, p. 106-107).

Após trazer à discussão as ideias de Freud, Klein, Winnicott, Bion e Lacan, Green (2017) entende que se faz necessário reter os seguintes pontos principais: o papel do *narcisismo primário como estrutura e não como um estado*; as *relações de objeto*, insistindo de maneira particular na agressividade pré-genital e na influência sobre os processos de pensamento; a *angústia persecutória* e sua ação sobre a função de ligação dos processos psíquicos e do pensamento; a incapacidade de criar um *espaço transicional*, a mediação entre o princípio de prazer e princípio de realidade; as *metas pré-genitais e genitais*, cada uma tendo uma significação que, automaticamente, remete à outra; o papel da terceiridade no enquadre analítico para compreender a comunicação do paciente; a noção de uma *distância psíquica* necessária para evitar tanto a ausência de comunicação quanto a intrusão (GREEN, 2017).

Para o autor, mecanismos primitivos governam o psiquismo nos casos-limite e estão associados a contextos traumáticos, pautados na clivagem e desinvestimento objetal

(meta desobjetalizante) empreendida pela pulsão de morte. Green esclarece que essa clivagem é diferente do recalque na neurose bem como da clivagem na psicose. O recalque neurótico é acompanhado por um trabalho de simbolização e construção de representantes-representações. Já na psicose, segundo o autor, há um despedaçamento, provocado pela clivagem. Nos casos-limite, a clivagem se desenvolve em dois níveis: o intrapsíquico e o intersubjetivo (Somático/Corpo e Real do Outro/Social). Refere Green (2017):

A clivagem entre o dentro e o fora constitui um envelope depurando os contornos do Eu cujos limites são mais bem definidos, mas que não funcionam como barreira protetora. De fato, as fronteiras do Eu são muito precárias e a clivagem segue as fronteiras do Eu em seus movimentos, não segundo um comportamento relacionado com a situação, mas como levada por uma espécie de fluxo e de refluxo, alternando entre a expansão e/ou a retração, que são uma maneira de reagir à *angustia de separação* (perda) e/ou à *angustia de intrusão* (implosão). Essa variabilidade dos limites do Eu não é sentida como um enriquecimento da experiência, mas como uma última medida defensiva contra a desintegração ou o desaparecimento. Esse envelope do Eu, essa barreira movente, protege imperfeitamente um Eu vulnerável, ao mesmo tempo rígido e sem coesão (p. 128).

O segundo nível, que opera dentro da esfera psíquica, coexiste com o primeiro nível da clivagem e consegue criar núcleos isolados, sem comunicação entre si, porém relativamente estruturados. Green propõe nomear esse tipo de Eu de *arquipélago*. Em função dessa falta de comunicação entre as ilhas há a ausência de integração, de unidade. O resultado é um Eu sem coesão nem coerência. Identificação projetiva, onipotência, negação são mecanismos psíquicos decorrentes da clivagem.

A falta de coerência é perceptível na existência de afetos, fantasias contraditórias, pensamentos e na superposição de dados derivados dos princípios de realidade e prazer-desprazer, sem prevalência de um sobre o outro, o que afeta a condição do pensamento.

Refere Green:

A ausência de coesão traduz-se por um sentimento de desinteresse e de desligamento, uma falta de vitalidade, a impossibilidade de se existir e de estar presente para o outro, a impressão de futilidade de todas as coisas que retira qualquer valor da vida. Essa vivência do paciente é claramente percebida pelo observador. Todas essas manifestações são a expressão do vazio fundamental que habita o sujeito. Para o navegador que consulta seu mapa, as ilhas do arquipélago, que são lugares habitados, contam mais que o mar que as rodeia. Para o psicanalista, é o contrário: esses núcleos isolados do Eu tem menos importância que o vazio que os separa (2017, p. 129).

A depressão primária é a outra polaridade do trabalho do aparelho psíquico. Green afirma entender a depressão primária de forma diferente do que habitualmente é apresentado por outros teóricos. Entende-a como um “*desinvestimento radical*, que gera estados de branco do pensamento sem qualquer componente afetivo, como a dor e o sofrimento” (p. 130). Na clínica, isso aparece na incapacidade de unir pensamento e afeto, simbolizar.

Ao tratar deste tema, Green lembra que é necessário considerar duas áreas-limite do aparelho psíquico: uma delas, a área entre o inconsciente e o pré-consciente, capaz de criar o *sonho*. A outra, a área entre o dentro e o fora, a área do *jogo*, das criações do espaço potencial. “Os casos-limite são caracterizados pela incapacidade funcional de criar derivados do espaço potencial; em vez de fenômenos transicionais eles criam sintomas que preenchem sua função” (idem, p.130).

O autor exemplifica ao citar produções de diversos artistas que são casos-limites quando assinala que são incapazes de criar fenômenos ou objetos transicionais, “um entre”, uma fronteira interna e externa nas quais as criações não sirvam apenas para manter a compulsão e a incansável repetição do irrepresentável.

Já no caso dos sonhos, algo semelhante se processa. Muitos autores, entre eles Masud Khan (1974, citado por Green, 2017) afirmam que a análise dos sonhos nos casos-limite é com frequência improdutivo, já que tais sonhos não têm a finalidade psíquica de funcionar como realização de um desejo, mas apenas como evacuação. Nesses casos o mecanismo em ação na produção do sonho não seria a condensação, mas sim uma espécie de “concretização”, já que a finalidade seria aliviar o aparelho psíquico das excitações dolorosas. Em situações mais favoráveis, os sonhos são atualizações das experiências traumáticas. Aí a importância está essencialmente na experiência do sonhar.

Para concluir este ensaio, ainda muito inquieta com todas essas questões, faço algumas interrogações: o narcisismo negativo vertido no corpo pode ser uma saída para escoar a perda? Ou pode ser pensado como uma vingança infringida ao outro que abandona? Que manifestações superegoicas estão presentes na estrutura limítrofe? Um neurótico pode manifestar o efeito de transbordamento do repudiado, do não recalcado?

## Referências

<https://cinemaniac2008.blogspot.com/2018/06/o-vazio-do-domingo.html>.

<https://www.metafictions.com/conteudo/critica-o-vazio-de-domingo-la-enfermedad-del-domingo.html>.

GREEN, A. *A loucura privada*. Psicanálise de casos-limite. São Paulo: Escuta, 2017.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.